

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no *Correio Popular*, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

100. MERCENÁRIO E TAMBÉM PINTOR

Em fins do ano passado, importante firma industrial de Porto Alegre fez publicar, para distribuir aos seus clientes, um álbum com doze estampas representando cenas e aspectos da capital gaúcha e de outras regiões do Rio Grande do Sul, em meados do século passado. Assinava-as um certo Hermann Rudolf Wendroth. O álbum continha prefácio de Abeillard Barreto, o grande mestre da bibliografia rio-grandense, informando acerca do autor e da procedência das estampas. Provinham elas do acervo particular da Casa Imperial Brasileira e foram gentilmente cedidas para publicação pelo príncipe D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança. Quanto ao autor, foi ele um dos muitos mercenários contratados na Alemanha para reforçar as tropas imperiais na campanha contra Rosas. Praticamente nada se sabe de sua vida de soldado, mas conhece-se o precioso documentário sobre a vida rio-grandense que nos legou.

Jornal de Porto Alegre, comentando o gesto da Riocell (e naturalmente louvando-o) pondo à disposição de seus numerosos clientes peças tão valiosas da iconografia rio-grandense do século XIX, sugeriu ao Estado que procurasse publicar a coleção completa das estampas do mercenário-pintor. E assim aconteceu. Através da Secretaria de Educação e Cultura, então dirigida pelo conhecido escritor e folclorista Barbosa Lessa, meses depois era o álbum de Wendroth publicado na íntegra, com aproximadamente uma centena de estampas, magnificamente impressas. Graças à gentileza de amigos porto-alegrenses, tive o privilégio de receber as duas edições, a parcial da Riocell, e a integral da Secretaria da Educação e Cultura. Ambas trazem o mesmo prefácio de Abeillard Barreto, com transcrição do verbete sobre Wendroth que figura em sua preciosa **Bibliografia Sul-Riograndense**, editada pelo Conselho Federal de Cultura.

As estampas não fixam apenas aspectos e cenas de Porto Alegre, mas também de Pelotas, Rio Grande, Rio Pardo e a região mineira de Lavras por onde andou se aventurando o pintor. De seu interesse diz o

saudoso Abeillard Barreto: “Fonte de estudo importante e sugestiva, assemelha-se em tudo ao acervo que nos legou Debret relativamente ao Brasil meridional, podendo dizer-se que é o documentário iconográfico de maior suntuosidade que se pôderia pretender para o nosso Estado, talvez sem similar senão para os do Rio de Janeiro e “da Bahia”. No seu conjunto, diz ainda o autor riograndense – “os desenhos e aquarelas são o melhor retrato do Rio Grande do Sul lá por 1850 e Wendroth, ao registrar costumes, utensílios etc. dos rio-grandenses, ainda que algumas vezes caricaturados, secundou em escala mais reduzida o que já fora feito por Debret quanto a algumas regiões do Brasil”. Trabalho gráfico primoroso. Enfim, uma realização que honra o governo rio-grandense. (21-12-1983.)

*

101. DE BIGUAÇU E DO QUE LHE TEM ACONTECIDO

Graças à gentileza dos prezados colegas Iaponam Soares e Ana Lúcia Coutinho Locks tive oportunidade de travar conhecimento com **Notícia Histórica** de Biguaçu, revista de informações e pesquisas históricas sobre a pequena cidade catarinense, localizada nas proximidades de Florianópolis. Já está em seu quarto número e surgiu, ao que parece, ao ensejo do transcurso do sesquicentenário da criação do município.* Seus diretores, aos quais tive o prazer de encontrar em recente reunião de estudos históricos realizada em Franca, informaram-me das lutas e esforços despendidos para a publicação da revista, que vem sendo impressa pela Fundação Casa Dr. Blumenau, da grande cidade do vale do Itajaí-açu. Tanto que ela tem o mesmo formato e quase as mesmas características de **Blumenau em Cadernos**, fundada há mais de vinte e cinco anos pelo saudoso Dr. José Ferreira da Silva, e que constitui riquíssimo acervo para o estudo de Blumenau e regiões circunvizinhas.

Com este bom modelo, a **Notícia Histórica de Biguaçu** poderá chegar a tanto, uma vez que entusiasmo e capacidade não faltam aos seus diretores, bem como à nova equipe de historiadores e professores de história que se vem formando na Universidade Federal de Santa Catarina, e ainda com a colaboração do Instituto Histórico (dos mais dinâmicos do País) e do Arquivo do Estado, a que pertencem tanto Iaponam Soares como Ana Lúcia Coutinho Locks. E da dinamização dos trabalhos desta instituição dão boa prova os trabalhos já realizados (inclusive apresentados na reunião de Franca) pelos dois dedicados e competentes pesquisadores.

Folheando-se a revista biguaçuense, constata-se logo uma intensa conscientização na cidade quanto ao valor do trabalho que vem

(*) Após a publicação desta nota, mais dois números (5 e 6) foram publicados da revista biguaçuense.

sendo realizado, pois são numerosas as pessoas físicas e jurídicas que vêm contribuindo para a manutenção da revista. Ainda aqui prevalece o bom modelo de **Blumenau em Cadernos**.

E esta conscientização vale como exemplo magnífico para numerosas outras cidades, às vezes bem mais dotadas economicamente do que a pequena cidade catarinense, mas onde trabalhos dessa natureza seriam quase impossíveis. Não desejo citar exemplos para não ferir susceptibilidades. Mas os familiarizados com a pesquisa histórica podem facilmente arrolar dezenas de exemplos em favor do que afirmo.

A preservação da memória de Biguaçu é o ponto central da publicação. Que os prezados colegas possam levar avante sua tarefa no sentido não apenas de beneficiar os estudos históricos catarinenses, mas também de inscrever o nome da pequena cidade na bibliografia histórica brasileira. (4-1-1984.)

*

102. PELA SEARA DA SOCIOLOGIA

É sempre um prazer consignar novas marcas da presença campineira na bibliografia cultural brasileira, através de publicações periódicas. Há algum tempo, registrei o aparecimento de duas revistas editadas pelos Institutos de Letras e de Artes e Comunicações de nossa Universidade Católica, que vinham juntar-se às já existentes, de História, de Filosofia e de Geografia, para a demonstração plena de que, na vida universitária, mais importante do que as aulas que se ministram, são as pesquisas que nelas se realizam e, principalmente, as publicações que possam divulgá-las.

A publicação que hoje me comprazo em registrar oferece uma singularidade que a valoriza mais ainda: não está vinculada à Universidade nem a instituição cultural de qualquer espécie. É fruto da dedicação e do esforço do casal Trujillo, fundador em Campinas de uma Associação Brasileira de Sociologia, e apresenta-se, já há vários anos, como “revista de integração nacional dos profissionais de Sociologia”. Seu título, refletindo a Sociedade sob cuja égide se publica, é **Revista Brasileira de Sociologia**. É das poucas revistas, tal como a Associação também é das poucas, a chamar-se “Brasileira” sem que sua sede seja na capital do País. E parece-me significativo que de Campinas tenha partido, através da Associação e da Revista, o movimento de “integração dos profissionais em Sociologia”, proposto em seu programa.

Alfonso Trujillo Ferrari, cuja carreira venho acompanhando de perto desde que chegou ao Brasil, há mais de trinta anos, encontrou em sua esposa, a Professora Maria Salete Zulfke Trujillo, a companheira ideal não

apenas pela colaboração efetiva que lhe tem dado (pois milita igualmente na mesma área) mas também pela compreensão e estímulo sempre demonstrados em relação aos seus trabalhos no Brasil e no exterior. Mais ainda: Trujillo traz uma boa experiência de direção de importante revista sociológica editada em São Paulo e cujas peripécias acompanhei, companheiros de trabalhos que fomos, por muitos anos, num dos mais importantes institutos universitários da Capital.

Transplantando para Campinas sua experiência, agora ainda mais amadurecida e acrisolada, o resultado não poderia ser outro senão a revista de alta qualidade que aqui se registra, e cujo último número, correspondente ao ano de 1982, insere artigos valiosos de Eva Maria Lakatos, Cláudio Souto, Newton César Balzan, James Patrick Maher, Roberto César Covian, além do texto de abertura (“Ideologia e Sociologia”), do próprio diretor da revista. (11-1-1984.)

*

103. ANTEVISÃO DA “NOROESTE”

A primeira década de nosso século assinalou a realização de um dos mais importantes empreendimentos ferroviários já levados a efeito no Brasil: o início da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, destinada ao grande papel de tornar efetivas e viáveis as comunicações terrestres com Mato Grosso. A Guerra do Paraguai, terminada em 1870, revelara toda a precariedade do nosso sistema de articulação interna. Assim, as cogitações em torno do problema vinham de longe, através de inúmeros planos que surgiram com maior frequência na última década do século passado.

O que havia de concreto nessa porção ocidental do Estado era a marca do povoamento inicial através do sistema de “patrimônios”, estabelecidos no mais das vezes por povoadores de procedência mineira, ou então as tentativas de colônias militares, como as de Avanhadava e Itapura, no Tietê, nenhuma das quais, na realidade, vingou. Por outro lado, o baixo Tietê apresentava índice de alta insalubridade e mais de uma vez as correntes povoadoras tiveram que recuar na tentativa de se estabelecerem em tais áreas. A própria construção da ferrovia sofreu as conseqüências da falta de melhor conhecimento das regiões onde os trilhos deveriam ser assentados. E os mapas ostentavam, ainda, a clássica legenda: “Terras desconhecidas habitadas por índios”.

Após diversos estudos, entre os quais se destaca o de Emílio Schnoor, Bauru foi escolhida para início da nova ferrovia, numa antevisão de todas as vantagens que, para o futuro, a cidade poderia oferecer. É interessante observar que em 1904, quando a firma empreiteira da “Noroeste” mandou para Bauru a primeira comissão de engenheiros para

proceder aos estudos necessários, a cidade ainda não havia sido alcançada pela ferrovia, pois só no ano seguinte ali chegaria a “Sorocabana” e, em 1910, a “Paulista”. É o caso de dizer-se que a função ferroviária de Bauru começa antes da própria estrada de ferro...

Apesar de todas as dificuldades — desconhecimento da região, insalubridade, agressividade de grupos indígenas remanescentes — a “Noroeste” prosseguiu rumo ao desconhecido em sua função pioneira, alcançando as barrancas do Paraná em 1910 e propiciando o surgimento de numerosos núcleos de povoamento (quase sempre começando com a própria estação) que, com o tempo, tornaram-se importantes cidades. A insalubridade do trecho Araçatuba a Jupiá levou à construção de uma variante seguindo pelo espigão e não mais pela margem do Tietê. Tornou-se esta variante uma das mais importantes frentes pioneiras e com o tempo acabou superando a linha primitiva que veio, afinal, a ser desativada. (18-1-1984.)

*

104. WALDOMIRO DE VASCONCELOS FERREIRA

Fato por demais corriqueiro na vida das academias e das associações culturais em geral é a evocação das efemérides comemorativas do centenário de seus antigos associados ou das figuras expressivas da vida nacional em seus mais variados setores. Rara a sessão desses sodalícios em que alguém não encaminhe à mesa proposta neste sentido. Ocorreu, entretanto, com a nossa Academia Campinense, há poucos dias, algo de inusitado e talvez único na vida acadêmica do País: viu ela transcorrer o centenário de um de seus membros, o qual, por mercê de Deus, continua vivo. Refiro-me ao Coronel Waldomiro de Vasconcelos Ferreira, que no dia 19 de fevereiro “apagou a centésima velinha” de sua longa e abençoada existência.

Rio-grandense de São Leopoldo, seguiu a carreira militar até o coronelato, quando passou à reserva. Há mais de trinta anos está radicado em Campinas, tendo feito parte do grupo inicial da “Campinense”, na qual ocupa a cadeira nº 23, cujo patrono, por ele escolhido, é o grande poeta fluminense Alberto de Oliveira. Quando ingressei na Academia (1973) ainda era freqüente sua presença às reuniões, às quais nunca deixou de levar alguma contribuição, quase sempre inspirados poemas, que lia com entusiasmo. Já ao tempo em que exerci a presidência da entidade, sua freqüência, por motivos de saúde, tornou-se menor, mas sem que, com isto, se arrefecesse seu espírito acadêmico. Prova-o o interesse com que sempre acompanhou a vida da Academia.

Mas sua participação nos primeiros anos da “Campinense” foi das mais ativas, como o demonstram as atas das sessões, estas mesmas atas que foram pesquisadas pelo prezado amigo José Nogueira Novaes para extrair delas o levantamento de sua vida acadêmica, documento este que lhe foi entregue pelo presidente da Academia na data de seu centenário. Nele se encerram lições de dedicação, de interesse pelas coisas da cultura e, sobretudo, de espírito acadêmico.

Esta é a segunda vez que, nesta folha, tenho o privilégio de me ocupar do centenário de alguém que, com a graça de Deus, continua vivo. Da primeira vez foi com relação ao General Raul Silveira de Melo, também gaúcho como Waldomiro, de quem, por feliz coincidência, foi colega na Escola Militar. Aqui outro fato de extrema raridade: numa mesma turma, dois estudantes alcançarem o centenário!

O fato de estar a “Campinense” em recesso, impediu que ela se manifestasse de maneira mais participante no centenário glorioso do nobre e ilustre acadêmico. Certamente isto será motivo de evocação especial na primeira reunião do ano, no início de março*. Enquanto isto, aqui fica esta palavrinha de respeito e de homenagem a Waldomiro de Vascelos Ferreira deste seu modesto confrade. (29-2-1984.)

*

105. VIAJANTE FRANCÊS POUCO CONHECIDO

Arsène Isabelle, viajante francês que andou pelo Rio Grande do Sul e pelo Prata na época da Regência, publicou o relato de sua viagem em 1835. Constitui um dos melhores títulos da vasta (e desigual) bibliografia de estrangeiros que percorreram nosso País (ou partes dele) no século passado. Com todo o interesse de seu livro, tivemos que esperar mais de cem anos para tê-lo em nossa língua. E tivemos logo duas edições, a curto intervalo: a primeira parcial, apenas da parte relativa ao Rio Grande do Sul, em tradução de Dante de Laytano; e a segunda, completa, traduzida por Theodemiro Tostes, com introdução de Augusto Meyer. Apareceram, respectivamente, em 1946 a 1949, editadas, a primeira pelo Museu Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, e a outra por Zélio Valverde, editor do Rio de Janeiro.

Com o tempo, ambas tornaram-se bastante raras, donde a feliz iniciativa de Martins Livreiro, de Porto Alegre, reeditando a tradução de Dante de Laytano. O volume contém, ainda, notas e uma extensa apreciação sobre a obra de Arsène Isabelle, quase um resumo da parte

(*) De fato, na reunião de 12 de março, início do ano acadêmico, coube ao próprio autor destas linhas proferir algumas palavras evocando o centenário que aqui se registra.

referente ao Prata, que Dante de Laytano julgou mais acertado não traduzir. Convém registrar que a excelente tradução do mestre da historiografia gaúcha, antes de tirada em volume pelo Museu Júlio de Castilhos, fora publicada nas páginas do “Correio do Povo”, o grande matutino de Porto Alegre.

Parece-me oportuno lembrar que Arsène Isabelle, além de seu relato de viagem, deixou outro livro valioso, publicado originalmente em Montevidéu, mas em francês: **Émigration et colonisation dans la province brésilienne de Rio-Grande-du-Sud, la République Orientale de L'Uruguay et tout le bassin de la Plata**. Data de 1850, e reúne artigos publicados primeiramente num jornal francês de Montevidéu, **Le Patriote Français**. Também este segundo livro do viajante francês encontra-se traduzido, datando a edição brasileira de 1950, precisamente um século após a edição original. Parece ser uma sina de nossa bibliografia de viajantes estrangeiros: seus livros levarem cem anos ou mais até, para serem traduzidos para a língua do País de que eles tratam...

Arsène Isabelle não é dos autores mais conhecidos. Não vinculou seu nome à ciência, como tantos outros de seu tempo. Era jornalista e homem de negócios, que soube ver nosso País sob aspecto diferente dos outros autores, talvez mais realista em certos pontos, por ter conhecido melhor as condições de vida das regiões por onde andou: O interesse pela colonização com imigrantes europeus é o tom principal de seus escritos, de qualquer forma indispensáveis para o conhecimento do Rio Grande do Sul do tempo em que visitou. (1-2-1984 .)

*

106. “PAULÍSTICA”

Não se trata do livro de Paulo Prado, bastante conhecido e, de fato, peça indispensável da bibliografia histórica paulista. O mesmo título do livro famoso serviu para designar preciosa coleção de textos sobre São Paulo antigo, hoje dificilmente encontráveis porque estavam de há muito esgotados ou porque jaziam, semi-esquecidos ou dispersos, em páginas de revista antigas. De qualquer forma, trabalhos fundamentais para o melhor conhecimento do homem, dos costumes e da história de São Paulo. Foi idealizada por Paulo Egídio Martins, quando governador do Estado, tendo em vista, segundo sua própria confissão no prefácio a um dos volumes, o exemplo de um seu ilustre antecessor, Washington Luís, que dera extraordinária ênfase à divulgação de fontes primárias sobre o passado paulista. Fontes estas, que permitiram a elaboração de grandes obras da história de São Paulo, como as de Afonso de Taunay, Alfredo Ellis Júnior, Alcântara Machado, Otoniel Mota, entre outros.

Paulo Egídio Martins, embora seguisse trilha de ilustre tradição, preferiu não publicar fontes primárias como o fizera Washington Luís, mas pôr ao alcance dos estudiosos, através de bem cuidadas edições, sempre prefaciadas por figuras proeminentes da historiografia paulista, obras já não existentes no mercado e que dificilmente os estudiosos encontrariam. Dos vinte volumes até agora editados, dezessete o foram no governo de Paulo Egídio Martins. Outros três saíram posteriormente e seria de todo o interesse que a preciosa coleção não se interrompesse, pois muita coisa existe, ainda, à espera de reedição, e que viria a calhar numa série dessa natureza. A começar pelo livro que tem o mesmo título da coleção, o **Paulística**, de Paulo Prado, que, embora reeditado duas vezes, já se encontra de há muito esgotado.

A coleção **Paulística** encerra obras de Marcelino Pereira Cleto, Manuel Cardoso de Abreu, Luís dos Santos Vilhena e Martim Francisco Ribeiro de Andrada, estes quatro num só volume, intitulado **Roteiros e Notícias de São Paulo Colonial**; depois, Adolfo Pinto, José Arouche de Toledo Rendon, Machado de Oliveira, Firmo de Albuquerque Diniz (que publicou seu livro sob o pseudônimo de "Junius"), Veloso de Oliveira, Afonso de Freitas, Wash Rodrigues, Daniel Müller, Joaquim Floriano de Godoy, Alcântara Machado, Belmonte, Alfredo Moreira Pinto e José Soares de Melo. E mais ainda alguns autores atuais, destoando um pouco do espírito da coleção, mas cujas obras são importantes, como Paulo Pereira dos Reis e Antônio Barreto do Amaral, entre outros.

Será uma pena se a **Paulística** ficar nos vinte volumes editados. Um apelo ao atual governo que a prossiga creio ser dever de todas as entidades culturais do Estado. (25-1-1984.)

*